

LITERATURA, RECEPÇÃO E ILUSÃO A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA EM DEBATE

OGLIARI, Ítalo

RESUMO

A literatura, assim como as demais manifestações artísticas, se transforma, temática e esteticamente, respondendo às mudanças do pensamento do homem e da condição humana e tecnológica de um determinado período. Junto a isso, como nos mostrou Hans Robert Jauss (1996), sua recepção também sofre influências. A partir deste exposto, este trabalho visa apresentar o projeto denominado *Da criação à crítica*: os novos meios e as novas teorias acerca da produção e recepção da arte literária, desenvolvido, neste ano de 2016. Busca, como o próprio nome já indica, pensar a literatura a partir das atuais teorias críticas e indagar que situações e peculiaridades de nosso tempo são responsáveis pelos principais pontos de transformação e ruptura da produção literária hoje. O método de trabalho utilizado pelo projeto se caracterizam em estudo bibliográfico, teórico-crítico e analítico, visando a produção de material científico como forma de exposição dos resultados obtidos. Atualmente, está sendo desenvolvido um trabalho que questiona a escrita da história da literatura como forma de compreensão do fenômeno literário, apontando para a ideia de que todo o movimento de escrita de uma história da literatura é um movimento de exclusão, de assassinato, de negação. É negar ao outro, ao deixado à margem do discurso historiográfico, o direito de ser, ele também, literatura. Muito mais do que preencher um determinado espaço, o estudo mostra que todo o movimento de escrita de uma história literária, hoje, tende, como único destino, a ser simplesmente criticado. Mesmo assim, quase como uma utopia, frustrada já em seu nascimento, seguimos escrevendo histórias da literatura. Por quê? Ainda há sentido a escrita de uma história literária? Chegamos ao fim da história da literatura como método de compreensão do caminhar da arte literária ou ela ainda pode nos ser fértil? Justamente para que ampliemos o debate sobre essas questões, ainda muito efervescentes e longe de se apresentarem como resolvidas, é que estamos desenvolvendo esta proposta de estudo dentro de nosso projeto.

DESCRITORES

Teorias Literárias Contemporâneas – História da Literatura e historiografia literária
Produção e recepção da arte literária na contemporaneidade

INTRODUÇÃO

Como muito bem nos mostrou Hans Robert Jauss (1996), não só literatura se transforma, temática e esteticamente, respondendo às mudanças do pensamento do homem e da condição humana e tecnológica de um determinado período, mas sua própria recepção, que também sofre significativas influências do tempo. O projeto denominado *Da criação à crítica: os novos meios e as novas teorias acerca da produção e recepção da arte literária*, desenvolvido, neste ano de 2016, visa exatamente olhar para ambos os lados. Busca, como o próprio nome já indica, pensar a literatura a partir das atuais teorias críticas e indagar que situações e peculiaridades de nosso tempo são responsáveis pelos principais pontos de transformação e ruptura da produção literária hoje.

METODOLOGIA

O método de trabalho utilizado pelo projeto se caracterizam em estudo bibliográfico, teórico-crítico e analítico, visando a produção de material científico como forma de exposição dos resultados obtidos.

DESENVOLVIMENTO

Em nosso projeto, atualmente, estamos desenvolvendo um trabalho que questiona a escrita da história da literatura como forma de compreensão do fenômeno literário, apontando para a ideia de que todo o movimento de escrita de uma história da literatura é um movimento de exclusão, de assassinato, de negação. É negar ao outro, ao deixado à margem do discurso historiográfico, o direito de ser, ele também, literatura. Muito mais do que preencher um determinado espaço, o estudo mostra que todo o movimento de escrita de uma história literária, hoje, tende, como único destino, a ser simplesmente criticado. Mesmo assim, quase como uma utopia, frustrada já em seu nascimento, seguimos escrevendo

histórias da literatura. Por quê? Ainda há sentido a escrita de uma história literária? Chegamos ao fim da história da literatura como método de compreensão do caminhar da arte literária ou ela ainda pode nos ser fértil?

Está evidente que o conhecimento, em nossa contemporaneidade, é construído de modo diferente de como um dia o fora. Não só desestruturamos a linearidade e continuidade moderna, assim como assumimos, no mesmo instante em que Michel Foucault decretou o fim do homem (2000, p. 536) a linguagem como mais alto ponto de debate e lugar de disputa na formação da episteme humana.

A partir das vertentes teóricas mais contemporâneas, que puseram o discurso como ponto central de todos os olhares, a noção de história e a própria historiografia estão, hoje, problematizadas, o que envolve, obviamente, a escrita de uma história literária. Na verdade, revelou-se a existência de uma lacuna, uma necessidade de fala daqueles que estiveram e ainda estão fora de um determinado eixo hegemônico, e que sofreram e ainda sofrem uma insuficiência de representação e de reconhecimento, já que o discurso, o mesmo que constrói o centro, deixa o Outro em um estado de subalternidade, deslocados para um não-lugar nas narrativas oficiais.

Divergente da historiografia literária tradicional, incumbida de selecionar textos e autores considerados dignos e figurados como importantes e representantes de uma identidade nacional, a escrita da história literária contemporânea mostra-se extremamente plurivocal. Isso tudo é bom, mas não o suficiente. A plurivocalidade, tão evidenciada hoje, nada mais é do que uma tentativa de suplementação, porém, não resolve o problema.

Os debates sobre do discurso historiográfico, já em alta na Modernidade, advém antes mesmo dos ideais positivistas. Basta lembrarmos de Johann Martin Chladenius e seus *Princípios gerais da ciência histórica* (2013). E o próprio reinado positivista não seria tão forte se Kant. Do mesmo modo, não podemos nos esquecer de François Guizot, Augusto Thierry e Leopold Van Ranke, considerado, este último, o fundador da historiografia contemporânea e do modelo crítico de pesquisa em História, pois o debate protagonizado por Ranke colocou aos historiadores renascentistas italianos a dúvida “da relatividade histórica da própria história” (ARAÚJO, 2001, p. 75).

Já com o nascimento da *La nouvelle histoire*, por exemplo, oriunda da

Escola dos *Annales* – revista criada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre – a perspectiva do olhar do historiador volta-se para uma nova organicidade. Além de buscar vínculo com a filosofia, sociologia, antropologia e psicologia, reagia às ideias de Ranke, que não considerava, na escrita da história, a possibilidade de espaços de criação, evidente nos atos de estruturação da narrativa histórica. Os frutos gerados por essas novas perspectivas da história tornam-se mais evidentes a partir dos anos 60 e 70, não apenas nos escritos os deixados por Michel Foucault, mas por muitos que nem sempre são tão lembrados e que, assim como Foucault, voltaram-se para uma espécie de fragmentação do objeto do historiador e escreveram histórias que talvez não pudessem ser pensadas anteriormente, como a histórica acerca dos festivais ocorridos durante a Revolução Francesa, de Mona Azouf, ou a *História do trabalho*, de Michele Perrot, marcando fortemente, a partir de narrativas que fugiam à conjuntura global, a ideia da micro-história ou da história daquilo que não parecia digno de ser historicizado., como uma história sobre o clima ou mesmo sobre a alienação, sempre através de uma abordagem interdisciplinar.

Essa interdisciplinaridade é justamente o que vai nos levar a uma abordagem antropológica da historiografia, chegando ao *boom* dos Estudos Culturais e às atuais tentativas de suplementação que antes citamos. Responsáveis também pelo início deste contexto estão não só Roger Chartier, mas André Burguière, Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, Erving Goffman e Clifford Geertz. E assim, vamos nos aproximando do desmanche de fronteiras entre história e ficção, das ideias de Hayden White (1995) e sua *Meta-História: imaginação histórica do século XIX*, entre outros caminhos importantes, mas, como já dissemos, ainda problemáticos à nossa perspectiva teórica.

RESULTADOS PARCIAIS (por onde estamos trilhando)

Sem qualquer intenção de se apresentar uma história do debate sobre a própria história, o que mostramos brevemente aqui é apenas uma prova de como o discurso historiográfico é frágil. Isso tudo não o torna, necessariamente, obsoleto,

mas o problematiza ao ponto de ser possível que essa obsolescência seja pensada em determinados momentos e objetivos. Para Eagleton (EAGLETON, 1998, p. 38), a crítica sobre essa problemática moderna de crença na história e na sua capacidade de revelar como anda o homem e o mundo é nietzschiana, já que “o mundo não existe de nenhuma maneira específica [...]” (Idem, p. 39), e isso não significa proferir outra narrativa sobre a história, mas apenas negar que a história tem forma de história. De acordo com Gianni Vattimo, o discurso sobre as atuais teorias se legitima com base no fato de que, “se considerarmos a experiência que vivemos nas atuais sociedades ocidentais, uma noção adequada para descrevê-la parece ser a de *post-histoire*” (VATTIMO, 1996. p. XII) e é nesta perspectiva que sustentamos nossa teoria: *post-histoire*, que pode ser elucidada através da simples indagação apresentada por Alun Munslow, nas primeiras linhas de sua obra denominada *Desconstruindo a história*, ao perguntar “até que ponto a história, como disciplina, pode recuperar e representar, com precisão, o conteúdo do passado através da narrativa” ou mesmo “em que medida a narrativa ou estrutura literária do texto histórico é um veículo adequado para a explanação histórica” (2009, p. 09).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Valdei Lopes de. Cairu e a emergência da consciência historiográfica no Brasil (1808-1830). In: NEVES, Lúcia Maria...
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1997.
- Roger Chartier, *Do Palco à Página: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- EAGLETON, Terry. ***As ilusões do pós-modernismo***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MUNSLow, Alun. *Desconstruindo a História*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- REIS, José Carlos. *A História entre a filosofia e ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RICOUR, Paul. Tempo e História. Campinas: Papyrus, 1977. WHITE, Hayden. “O texto histórico como artefato literário”, In: *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. S. Paulo: EDUSP, 1994. _____ Meta-História: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.